

O desenvolvimento de regras de concordância variável em variedades de português a partir de modelos-estímulos (inputs) diferentes

Alan N. Baxter
Norma Lopes

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

BAXTER, NA., and LOPES, N. O desenvolvimento de regras de concordância variável em variedades de português a partir de modelos-estímulos (inputs) diferentes. In LOBO, T., CARNEIRO, Z., SOLEDADE, J., ALMEIDA, A., and RIBEIRO, S., orgs. *Rosae: linguística histórica, história das línguas e outras histórias* [online]. Salvador: EDUFBA, 2012, pp. 221-238. ISBN 978-85-232-1230-8. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.



O desenvolvimento de regras de concordância variável em variedades de português a partir de modelos-estímulos (*inputs*) diferentes

Alan N. BAXTER

Universidade Federal da Bahia

Norma LOPES

Universidade do Estado da Bahia

Introdução

O debate sobre as origens do português brasileiro (PB) – e especificamente sobre as origens das regras de concordância variável no SN e entre o SN-sujeito e o verbo – é temática de longo curso, com precedentes no trabalho de Coelho (1967 [1880-1886], p. 43), no século XIX, sucessivas contribuições ao longo do século XX, e uma considerável intensificação de atividades nos últimos 25 anos.

Em termos redondos, tal debate é caracterizado por duas posições, que podemos chamar de <contatista> e <derivista>, ambas com credenciais históricas no Brasil. A linha <contatista> atribui um papel fundamental aos contatos linguísticos históricos no Brasil e à atuação de potenciais processos de crioulização¹ no desenvolvimento do PB (GUY, 1981, 2005; HOLM, 1987; BAXTER, 1995; BAXTER; LUCCHESI, 1999; LUCCHESI, 2000; entre outros). Em contrapartida, a linha <derivista> aponta para a presença de padrões em variedades do Português Europeu (PE), arcaicos e recentes, que teriam fornecido modelos-gatilhos para o PB (CÂMARA JR., 1975; SILVA NETO, 1957 [1988]; NARO; SCHERRE, 1993, 2000, 2007, entre outros), ou atribui características do PB a processos de desenvolvimento interno (GALVES, 1993). As históricas populações de falantes de português L2, indígenas e africanos, teriam exacerbado esse modelo europeu (p. ex., NARO; SCHERRE, 1993, 2007). A presença de um modelo inicial com concordâncias

1 Aprendizagem de L1 com variáveis graus de acesso limitado a dados de L2 parciais e de variável qualidade.

variáveis baseado no PE certamente teria dado um produto variável. Nesse sentido, concordamos plenamente com a perspectiva de Naro e Scherre (2007) de que os africanos e os seus descendentes exageraram bastante esse modelo original. Portanto, nesse ponto, não há polémica. Ao mesmo tempo, à luz do que se sabe hoje em dia sobre

- (i) o papel dos processos de aquisição, transferência e reestruturação que operam durante o desenvolvimento da segunda língua (L2);
- (ii) como características de L2 podem permear o desenvolvimento de uma primeira língua (L1) quando essa recebe dados linguísticos primários de L2;
- (iii) e o complexo panorama histórico-demográfico e social do Brasil,

parece pertinente perguntar se um sistema com concordâncias variáveis pode ser desenvolvido independentemente de um modelo-estímulo ou língua-alvo que contenha essa variação. Por outro lado, parece pertinente investigar o que acontece em variedades do português na África, sobretudo variedades de uma formação mais recente. Haverá alguma coisa em comum com o PB relativamente às concordâncias variáveis?

Essas são as nossas intenções.

1 Fundamentos teóricos e metodológicos

Serão contemplados dados do SN de cinco variedades do português:

- (i) o português da comunidade afrobrasileira de Helvécia (Bahia), descendente de uma população de escravos falantes de línguas kwa e banto (ANDRADE, 2003; BAXTER; LUCCHESI, 1999);
- (ii) o português dos tongas de São Tomé, descendentes de trabalhadores africanos que adquiriram o português como L1 a partir do início do século XX, mantendo parcialmente a língua umbundo (BAXTER, 2002, 2004; ROUGÉ, 1992, 2009);
- (iii) o português de Almozarife, São Tomé, adquirido por falantes do crioulo são-tomense a partir do início do século XX, numa comunidade que é bilingue hoje em dia (FIGUEIREDO, 2008);
- (iv) o português L2 de Maputo, Moçambique, adquirido por falantes de línguas banto em situação formal (JON-AND no prelo);
- (v) o português popular de Salvador, cidade com fortes antecedentes africanos (LOPES, 2001).

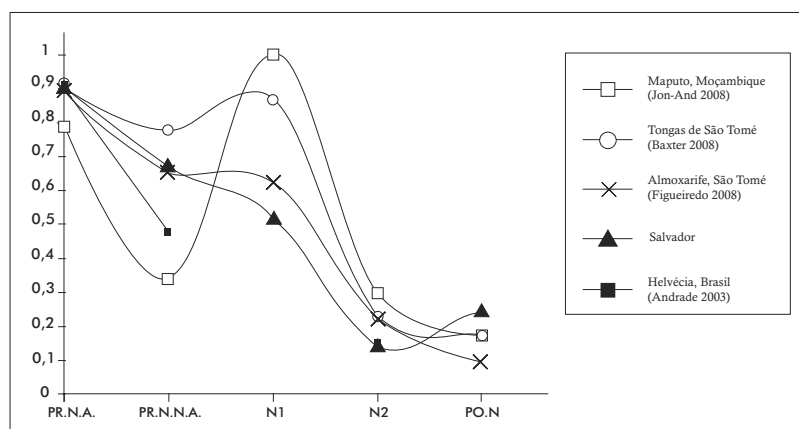
As quatro variedades têm credenciais diacrônicas de presença de línguas banto e contingentes de falantes de português L2. As variedades (i) e (ii) foram adquiridas inicialmente pelo contato e envolveram ou envolvem situações de mudança de língua (= abandono da L1 original). A variedade (iii) envolve processos de aquisição pelo contato e via

situação formal, e a variedade (iv) envolve principalmente aquisição em situação formal (escola). A variedade (v), o português popular de Salvador, pertence a uma cidade com antecedentes de contato linguístico com línguas africanas e português L2. Os estudos referidos sobre as cinco variedades, todos utilizam a mesma matriz de análise variacionista, inspirada em Scherre (1988).

Na discussão dos motivos que estariam na base da variação PL nesses quatro dialetos do português, lançaremos mão das perspectivas teóricas atuais nos estudos de contatos entre línguas (*language contact*) e aquisição de L2 e de L1, além de perspectivas atuais sobre a aquisição morfológica. Como as duas comunidades têm em comum a presença de português L2 na sua história, cabe perguntar qual seria o contributo dos processos de aquisição de segunda língua para a constituição da variável em estudo. Nesse sentido, a discussão das análises é orientada pelas teorias sociolinguísticas que captam as situações de contato que envolvem mudança de língua via uma fase intermediária de SLA (*second language acquisition*), com fases de bilinguismo, e a aquisição de L1 com *input* de modelos de L2.²

Em situações de mudança de língua,³ material de L2 pode ser incorporado na nova L1 da comunidade nas primeiras fases da sua constituição e transmitido por gerações posteriores (WINFORD, 2003, p. 245-247; CORNIPS; HULK, 2006; MONTRUL, 2006). Ao mesmo tempo, a presença de bilinguismo pode também facilitar a transferência de elementos das L1 originais para a segunda (e nova) L1 da comunidade (BAO, 2005), assim como convergências funcionais entre as duas línguas (MONTRUL, 2006).

Gráfico 1: Pesos relativos: posição em relação ao núcleo/posição linear comparada (JON-AND no prelo)



PR.N.A.: elementos pré-nucleares adjacentes ao núcleo
 PR.N.N.A.: elementos pré-nucleares não adjacentes ao núcleo
 N1: núcleo na primeira posição
 N2: núcleo nas demais posições
 PO.N.: elementos pós-nucleares

2 São situações captadas pela noção de <transmissão irregular>. Em realidade, essa noção vem ao encontro do conceito de <group second language acquisition or shift> 'aquisição de L2 por um grupo, ou mudança de língua' (WINFORD, 2003, p. 235-255), sendo essencialmente conceitos paralelos.

3 Quando uma comunidade muda de língua, abandonando uma língua A e adquirindo uma língua B.

Em português L2 e espanhol L2, a variação nas concordâncias é um fato. Regra geral, relativamente poucos aprendentes se aproximam da competência nativa nesse sentido (cf. HAWKINS; CHAN, 1997; FRANCESCHINA, 2003). Entre os fatores que influenciam a forma da L2 de aprendentes adultos, os seguintes são centrais em investigações atuais:

- a. Simplificação: i.é, presença de formas reduzidas e regularizadas (KLEIN; PERDUE, 1997; MATHER, 2006; SIEGEL, 2004) – orientada pela natureza do *input* (p. ex., via frequências, saliências; transparência semântica e pragmática) e pela Gramática Universal (GU);
- b. Transferência e relexificação:⁴ formas estruturais da L1 do aprendente transferidas para a L2 incipiente (SIEGEL, 2006; SCHWARTZ; SPROUSE, 1994; SPROUSE, 2006);
- c. SLA imperfeita: por exemplo, a *Failed Functional Features Hypothesis* (FFFH) (HAWKINS; CHAN, 1997; FRANCESCHINA, 2002, 2003), segundo a qual o aprendente adulto seria incapaz de adquirir traços das categorias funcionais parametrizadas, uma incapacidade condicionada pelo período crítico.

Além dessas noções, são pertinentes para a compreensão dos perfis de variação PL nos SN observados em estudos do português determinados aspectos de teorias morfológicas atuais e as observações de estudos sobre a aquisição L1 de PL no PB. Entre aqueles, se destacam o Modelo 4-M de Meyers-Scotton e Jake (2000), o modelo cognitivista de Pienemann (2000), baseado parcialmente na teoria morfológica de Booij (1995, 2003), e as perspectivas de Castro e Pratas (2006) e Costa e Figueiredo (2006) sobre a morfologia distributiva.

Myers-Scotton (1997, 2001), com base em dados provenientes de estudos de afasia bilingue, aquisição de L2 e alternância de códigos (*code-switching*) em falantes bilingues, explica como os lexemas de uma determinada língua podem ser inseridos nas estruturas sintáticas de uma outra língua. Nessas misturas, a estrutura sintática matriz pode conter morfemas *early system* – morfemas que são intrínsecos ao significado do quadro (*frame*) do lexema, e que são gerados junto com aquele quadro.

O Modelo 4-M (MYERS-SCOTTON; JAKE, 2000) propõe quatro classes de morfemas: morfemas de conteúdo e três tipos de morfemas de sistema; diferentes classes de morfemas de sistema são ativadas em diferentes fases da produção linguística. Os morfemas *early system* são ativados a nível do léxico mental como um tipo de satélite dos morfemas de conteúdo, e atribuem a eles determinados significados essenciais, como a definição, a referência e o número. Em contrapartida, os morfemas *late system* são atribuídos por meio de requisitos estruturais.

4 Segundo Siegel (2006, p. 31), a relexificação copia na L2 a entrada lexical da L1, concedendo-lhe uma forma nova, e mantém todas as propriedades da estrutura da L1; já a transferência envolve o uso de morfemas da L2 com somente algumas das propriedades dos morfemas correspondentes da L1.

A perspectiva de Myers-Scotton e Jake é especialmente pertinente para a presente discussão. Por um lado, o modelo estipula um mecanismo de mistura que poderia servir de plataforma para o desenvolvimento inicial do perfil estrutural da presença de PL no pré-núcleo, ou no núcleo em primeira posição. Por outro lado, a noção de que alguns morfemas de PL seriam mais <básicos> ou fulcrais, *early system*, em contraste com outros, *late system*, que seriam atribuídos pela estrutura sintática, vem ao encontro da recente Teoria de Processamento (*Processability Theory*) de Pienemann (2000), e das perspectivas atuais sobre a morfologia distributiva de Castro e Pratas (2006) e de Costa e Figueiredo (2006).

Pienemann (*op. cit.*), com fortes bases empíricas de dados de diversas L2, propõe fases de desenvolvimento de procedimentos de processamento cognitivo que correspondem a diferentes fases de aquisição morfológica e estrutural, que podem ser superimpostas. A uma fase inicial, sem morfologia, segue uma fase lexical, com flexão inerente. A flexão inerente é determinada pela escolha do falante e não é requerida pelo contexto sintático, mas pode ter relevância para a sintaxe (BOOIJ, 2007, p. 104). Corresponderia ao morfema *early system* de Meyers-Scotton e Jake (*op. cit.*). Em seguida, são implementados dois tipos de flexão contextual: uma flexão que envolve intercâmbio de informação intrasintagmática e uma outra que é intersintagmática. A flexão contextual, morfologia *late system* de Meyers-Scotton e Jake (*op. cit.*), envolve a representação das relações entre as palavras na estrutura sintática, a exemplo da concordância (BOOIJ, 2007, p. 104-112).

Castro e Pratas (2006), sobre a morfologia plural no crioulo de Cabo Verde e Costa e Figueiredo (2006), sobre o PL no PB, propõem diferentes realizações do morfema associado com a pluralidade, numa visão que parcialmente condiz com as referidas perspectivas psicolinguísticas cognitivistas. Assim, os morfemas são realizados de duas maneiras: como morfemas associados aos elementos que ancoram a informação sobre o número e a referência ou como morfemas dissociados, que são um reflexo de configurações sintáticas.

Finalmente, são relevantes os fatos aportados pelos recentes estudos da aquisição L1 da morfologia PL no PB, que atribuem um papel central às classes morfológicas fechadas (*closed class morphemes*) pré-nominais na orientação do desenvolvimento do sistema PL (CORRÊA; AUGUSTO; FERRARI-NETO, 2005).

2 Apresentação de alguns dados

Os diversos trabalhos já realizados sobre a variação na concordância de número no Sintagma Nominal (SN) em diversas variedades de português apontam para a existência de pelo menos uma condicionante linguística em comum: a posição relativa ao núcleo dos elementos não nucleares (SCHERRE, 1988; LUCCHESI, 2000).

Baxter (2004), estudando a concordância nominal de número no Sintagma Nominal (SN) nos Tongas; e Lopes (2001) e Lopes (2009), estudando o mesmo fenômeno em Salvador e a concordância de gênero nos Tongas, respectivamente, deixaram em evidência que não apenas a força da posição, mas também a da adjacência devem ser levadas

em conta ao se tratar do favorecimento da variação da concordância nominal de número no português.

Baxter (2004) e Lopes (2001) consideram que a variação da concordância nominal de número envolve dois tipos de morfemas gramaticais. O morfema de plural marcado seria aquele que é realizado à esquerda adjacente ao nome, que é adquirido conjuntamente a ele, cumprindo intenções do falante (definitude e outras), e o que está no nome em primeira posição; e são não marcados todos os outros no sintagma, já que a informação de plural já foi dada, e qualquer outro morfema que seja dado, inserido posteriormente, cumpre apenas informação simplesmente gramatical.

Começamos a discussão pelo estudo dos dados dos Tongas (BAXTER, 2004; 2009), precisamente porque esses estudos capturaram a linguagem das duas primeiras gerações de português L1, nascidas na comunidade, o que permite rastrear bem o desenvolvimento do PL. Baxter (2009), Quadro 1, estudando a concordância no sintagma nominal do português em quatro gerações de Tongas,⁵ e do dialeto de Helvécia, registra pesos relativos de concordância diferentes entre as duas posições dos elementos à esquerda do núcleo: adjacente e não adjacente.

Nas faixas etárias 4 e 3 de falantes (que compreendem a primeira e a segunda gerações nascidas logo após o contato entre a língua africana e o português, e a formação da interlíngua L2), não há itens na posição à esquerda não adjacente, apenas na adjacente, com um peso relativo de concordância de .958, na faixa 3. Considera-se que a forma à esquerda adjacente é inserida primeiro por ser um morfema gramatical precoce. A segunda faixa etária já realiza sintagmas maiores e a marca de plural já ocorre na posição à esquerda não adjacente, sendo introduzida depois da inserção na posição adjacente. A posição adjacente, contudo, mantém-se mais influente, mas há uma diferença significativa entre as posições à esquerda: não adjacente, peso de .884, e adjacente, .913. Na primeira faixa etária, a posição à esquerda não adjacente tem um peso relativo de .770, e a adjacente, de .835. Considerando todos os informantes das quatro faixas etárias conjuntamente, sem separar por idade, registrou-se uma diferença de peso relativo de .12 entre os dois fatores: não adjacente, peso de .795, e adjacente, peso de .915, o núcleo em primeira posição registrando um peso quase igual a esse último.

Esses dados mostram um quadro que fortalece ainda mais um favorecimento da situação de adjacência ao núcleo, maior que a situação de não adjacência. A posição à esquerda em contiguidade com o núcleo é a primeira posição a ser marcada num processo aquisicional geracional nos Tongas, com um peso relativo de .97 (faixa 3) na fala dos informantes das últimas faixas.

5 Os Tongas são descendentes de africanos contratados nos séculos XIX e XX para trabalharem nas grandes roças de cacau e café. Em termos das origens dos africanos, das condições de trabalho na roça Monte Café, e do contexto para a aquisição do português, segundo Baxter (2002, 2004), existem vários paralelos com os empreendimentos agrícolas brasileiros de início do século XIX. Em Monte Café, a grande maioria dos africanos era do interior do continente e chegava sem conhecimentos do português. Na roça, mantiveram as suas próprias línguas e adquiriram o português como L2 através do contato. A presença das línguas africanas era sempre mantida e era sempre reformulado o português L2 pela renovação constante da população. O dialeto português dos Tongas divergiu bastante do português dos administradores. Foi só na década de 1950 que as crianças Tongas tiveram pleno acesso à educação, o que levou ao uso de modelos de português mais próximos do português europeu.

Quadro 1: Efeito de <posição e classe gramatical> - Faixas etárias e análise de conjunto: TONGAS e HELVÉCIA

(A) Dialeto de Helvécia	Faixa 1 (20 a 40 anos) <i>Significance = .010</i> <i>Log likelihood = -250.299</i>			Faixa 2 (41 a 60 anos) <i>Significance = .000</i> <i>Log likelihood = -175.023</i>			Faixa 3 (61 a 80 anos) <i>Significance = .007*</i> <i>Log likelihood = -64.037</i>			Faixa *4* (85 a 103 anos) <i>Significance = .003</i> <i>Log likelihood = -54.849</i>			Análise global (as quatro faixas) <i>Significance = 0.048</i> <i>Log likelihood = -538.840</i>		
	Nº PL	% PL	P.R.	Nº PL	% PL	P.R.	Nº PL	% PL	P.R.	Nº PL	% PL	P.R.	Nº PL	% PL	P.R.
FATOR (2) 2ª posição à esquerda do núcleo, não adjacente	39/43	90.7%	0.673-	25/32	78.1%	0.421	8/8	100%	-	2/4	50%	-	74/87	85.1%	0.479
(3) Núcleo em 1ª posição	0/1	0%	-	0/0	100%	.	0/1	0%	-	0	0%	-	0/1	0%	-
(4) Núcleo em 2ª posição	127/550	23.1%	0.153	38/510	7.5%	0.179	9/241	3.7%	0.111	4/166	5%	0.028	121/1414	8.6%	0.153
(5) Núcleo em 3ª posição em diante	9/46	32.7%	0.174	2/42	4.8%	0.001	5/16	31.23%	0.268	3/10	30%	-	19/114	16.7%	0.397
(6) Itens à direita do núcleo	0/23	0%	-	0/26	0%	-	0/21	0%	-	0/20	0%	-	0/90	0%	-
(B) Dialeto dos Tongas	Faixa 1 (20 a 40 anos) <i>Significance = .024</i> <i>Log likelihood = -573.605</i>			Faixa 2 (41 a 60 anos) <i>Significance = .005</i> <i>Log likelihood = -418.641</i>			Faixa 3 (>61 anos) <i>Significance = .036</i> <i>Log likelihood = -128.592</i>			Faixa 4 (>80 anos)**			Análise global (as quatro faixas) <i>Significance = .000</i> <i>Log likelihood = -1156.674</i>		
	Nº PL	% PL	P.R.	Nº PL	% PL	P.R.	Nº PL	% PL	P.R.	Nº PL	% PL	P.R.	Nº PL	% PL	P.R.
FATOR (2) 2ª posição à esquerda do núcleo, não adjacente	65/67	97%	0.770	26/27	96.3%	0.884	0/2	0%	.				91/96	94.8%	0.795
(3) Núcleo em 1ª posição	33/35	94.3%	0.735	6/6	100%	.	1/2	50%	.	0/71	0%	.	40/43	93.0%	0.798
(4) Núcleo em 2ª posição	402/659	61%	0.237	158/597	26.5%	0.243	22/487	4.5%	0.260				582/1805	32.2%	0.223
(5) Núcleo em 3ª posição em diante	61/96	63.5%	0.273	20/53	37.7%	0.320	0/13	0	.				81/162	50%	0.267
(6) Itens à direita do núcleo	30/76	39.5%	0.144	3/27	11.1%	0.084	1/15	6.7%	0.024	0/2	0%	.	34/120	28.3%	0.112

** Não foi possível realizar uma análise VARBRUL da faixa 4. Contudo, uma rodada realizada com a inserção de um dado falso de marcação PL no fator (4) revela um P.R. de 0.999 para o fator (1) <1ª posição à esquerda, adjacente ao núcleo >

etárias, que têm, no geral, uma taxa de concordância de 25% e um peso relativo de *input* de concordância de .11. Na aquisição da morfologia PL, o informante das faixas mais avançadas inicia a marcação de plural por essa posição. Depois, nas duas gerações sucessivas, o PL se desenvolve em outras posições para a esquerda do núcleo, no núcleo e, eventualmente, para a direita do núcleo. Este estudo sublinha o que aqui se defende: o morfema de plural do elemento à esquerda em contiguidade com o núcleo é um morfema sistêmico precoce – ele é, por isso, adquirido primeiro; os outros já são morfemas sistêmicos tardios, daí serem alvo de aprendizagem posterior – eles constituem um aparato puramente gramatical de concordância, conforme a aplicação que esta pesquisa faz da teoria de Myers-Scotton e Jake (2000a). Nos dados do dialeto de Helvécia, no mesmo quadro, a situação é, em termos gerais, muito semelhante àquela dos Tongas. São sintagmas registrados na faixa mais idosa dos Tongas os casos a seguir: “ISSOS coesa”, “MUITOS criança aqui di Muçambique”, “NAS costa. E panhare”, “AS vez, brango sabia”, “OS fujido e coria praque”, “ISSAS coesa.”, “MEUS filho, eu”, “BOAS coesa aqui eu nã sei, “Tudo ISSOS coesa que ta vere aqui”.

Nos dados dessa faixa etária (faixa etária 3), o SN é muito simplificado, apresentando, na maioria dos casos, apenas dois elementos: DET + N. Foram encontrados apenas dois registros de núcleo nominal em primeira posição. O núcleo quase sempre está precedido ou por numerais ou por elementos não nucleares (determinantes, adjetivos, possessivos). Mas, progressivamente, nas faixas de informantes mais novos, a estrutura do SN se desenvolve e já há concordância em núcleos nominais, o que demonstra que a inserção da marca de plural nos núcleos é posterior à inserção nos elementos pré-nominais (ou seja, elementos não nucleares à esquerda do núcleo, em adjacência a ele).

Quais seriam os motivos da configuração elementar do SN e da marcação de PL das faixas 3 e 4 dos Tongas? Baxter (2004, 2009) argumenta a favor do *input* de dados de L2 de falantes de línguas banto. Esse teria sido o modelo predominante de português disponível ao tonga criança, num contexto de isolamento na roça Monte Café, aonde a grande maioria africana chegava em ciclos constantes, a cada 3 a 5 anos. Dados demográficos da roça Monte Café de 1935 dão uma ideia da complexidade da situação: havia 685 africanos, 111 tongas adultos e 96 tongas crianças. Nesse período, havia menos de 50 portugueses presentes, espalhados pela sede e pelas várias dependências da roça.

É instrutivo a esta altura considerar os resultados em pesos relativos de estudos das cinco variedades listadas na seção 2: além de Helvécia e Tongas, também Almoxarife, Maputo e Salvador.

Tabela 1: Pesos relativos: posição em relação ao núcleo/posição linear comparada (derivado de JON-AND no prelo)

	MAPUTO Moçambique (Jon-And no prelo)	TONGAS São Tomé (Baxter 2009)	ALMOXARIFE São Tomé (Figueiredo 2008)	HELVÉCIA Brasil (Andrade 2003)	SALVADOR Brasil (Lopes 2001)
SUBSTRATE OR co-L1	BANTO L1	BANTO	CREOLE L1 (BANTO)	BANTO e KWA	Partial BANTO e KWA
Não adjacente, pré-núcleo	.34	.78	.65	.48	.67
Núcleo em 1ª	1.0	.87	.63	-	.52
Núcleo em 2ª	.3	.24	.23	.15	2ª .16 3ª .11 4ª .15
Pós-núcleo	.17	.17	.1	-	2ª .16 3ª .09 4ª .06 5ª .09

Aqui, apreciamos um paralelo muito forte em todas as variedades. Em realidade, o estudo de Lopes (2001) foi o primeiro a detectar o efeito da posição adjacente, tomando-se como objeto de observação os dados da fala popular e universitária de Salvador, Bahia. Nesse estudo, fica aparente que a estrutura do SN é muito mais complexa do que no português dos Tongas ou no dialeto de Helvécia, pois há uma estrutura pré-nuclear e pós-nuclear completa. Na mesma época, o perfil paralelo nos Tongas foi detectado em Baxter (2004, 2009). A aplicação da mesma matriz de análise revelou um fenômeno parecido em dados de Helvécia (ANDRADE, 2003; BAXTER, 2009), Almozarife (FIGUEIREDO, 2008) e Maputo (JON-AND no prelo). Cabe acrescentar que, embora não haja espaço para apresentar pormenores, as comunidades que apresentam ligações mais diretas com o seu antecedente substratal e fases de L2 – Helvécia, Tongas, Almozarife e Maputo –, todas manifestam mudança em direção à aquisição das marcas de PL.

3 Interpretação, explicação

Como interpretamos e explicamos esses perfis comuns? Por um lado, apontamos para a noção de um *input* de L2, nas credenciais diacrônicas ou sincrônicas dessas variedades. Apelando para as teorias sobre os motivos pelas falhas na L2 relativamente à aquisição completa de parâmetros da língua-alvo, pensamos que faz sentido postular uma convergência dos fatores simplificação (p. ex., o SN básico nas faixas 3 e 4 dos Tongas e Helvécia, na Tabela 1), transferência de traços de L1 e aquisição imperfeita. Contudo, dada a presença de substratos banto, consideramos de interesse especial a transferência estrutural. Ao mesmo tempo, apelamos para as teorias de aquisição morfológica formuladas com base na estruturação morfológica observada em dados empíricos da aquisição de L2, as noções de *early system* e *late system*, morfemas inerentes, locais, e morfemas

contextuais, sintáticos. E, finalmente, apelamos para a relevância das classes morfológicas fechadas (*closed class morphemes*) pré-nominais na orientação do desenvolvimento do sistema PL (CORRÊA; AUGUSTO; FERRARI-NETO, 2005).

Relativamente à transferência/relexificação, uma série de investigações recentes apontam para a importância desse fator em SLA (WINFORD, 2003), sobretudo em fases iniciais, e também na formação das línguas crioulas (MUFWENE, 1990; SIEGEL, 2006; SPROUSE, 2006). Também, em sociedades multilíngues em que se tem desenvolvido uma segunda língua veicular e/ou oficial pós-colonial como L2 – por exemplo, o inglês da Singapura (WINFORD, 2003) ou o português de Moçambique (GONÇALVES, 2004) –, há amplas evidências nessas línguas da influência das línguas maternas originais dessas comunidades sobre as emergentes L2/L1 nacionais. Dadas as evidências da relevância dos processos de relexificação e transferência, é pertinente considerar a estrutura do SN e o tratamento do número nas principais línguas de substrato nas comunidades contempladas.

Para o português brasileiro popular, Guy (1981, p. 300-2) propõe a hipótese de que o perfil da marcação variável da morfologia PL no SN poderia ter as suas origens nos mecanismos de marcação de plural presentes nas línguas nígero-congolesas dos grupos kwa, por exemplo, iorubá, e banto, de Angola e da bacia do Congo. Aliás, ele aponta para o efeito que o contato entre essas línguas e o português teve no desenvolvimento do SN nas línguas crioulas de base portuguesa da África: no crioulo de Cabo Verde e no crioulo de São Tomé o marcador de plural tende a ocorrer no início do SN.

As línguas em questão têm em comum a característica de situarem um marcador de PL no início do SN, muitas vezes como um prefixo ou clítico, que é o caso das línguas banto, ou por meio de um marcador de plural ou um quantificador. Aliás, esses marcadores são comuns no início do SN, adjuntos ao classificador nominal. Este é o caso, por exemplo, das línguas balanta, papel e wolof, do grupo atlântico (WILLIAMSON; BLENCHE, 2000), substratos do crioulo de Cabo Verde. Também é o caso das línguas da família kwa, entre os quais o iorubá e o fon, e as línguas da família banto (*op. cit.*), incluindo o kimbundo e o umbundo, todas línguas significativas na história do Brasil, e algumas delas relevantes ao caso de Monte Café (BAXTER, 2002). No iorubá, língua kwa, o pronome 3PL *awon* é colocado antes do nome, como marcador de PL, e o iorubá não tem concordância morfossintática no SN (WILLIAMSON; BLENCHE, 2000). No crioulo de São Tomé, a indicação de PL é influenciada pelo substrato kwa (ALEXANDRE; HAGEMEIJER, 2007, p. 40), o plural é indicado em posição pré-nuclear pelo morfema *inen* e não há outras indicações formais de plural no SN:

CRIOULO DE SÃO TOMÉ

- (1) Inen funsiônariu
 PL funcionário
 ‘the inspectors’

No caso das línguas banto, a hipótese da transferência para o português é interessante. A língua umbundo, por exemplo, como as outras línguas banto, indica o plural no núcleo nominal por meio de um classificador nominal em forma de prefixo, que identifica a classe semântica do substantivo e pode também desempenhar funções dêiticas. Além disso, o umbundo tem um sistema de concordância por prefixos que se estende aos adjetivos, aos determinantes e a alguns elementos de enlace. A forma dos prefixos concordantes é determinada pelo classificador âncora do substantivo. Aliás, o morfema PL no classificador é a chave para a atribuição dos concordantes plurais aos outros itens no SN, pois a sua forma determina a forma dos concordantes subsequentes:

UMBUNDO

- (2) a. u-kwenje u-wa
CLASSIFICADOR.SG- rapaz CONCORDANTE.SG-bom
'rapaz bom'
- b. a-kwenje va-wa
CLASSIFICADOR.PL- rapaz CONCORDANTE.PL-bom
'rapazes bons'

É precisamente por isso que o adulto falante de uma língua banto que se encontra nas primeiras fases de aquisição do português poderia manifestar alguma sensibilidade para a indicação do PL numa posição à esquerda e adjacente ao núcleo do SN. Paralelamente, não esperaríamos que o falante de umbundo, por exemplo, manifestasse sensibilidade à marcação PL em posição de sufixo pós-nominal.

À luz das credenciais substratais das comunidades em estudo, é evidente que os aprendentes de português L2 (falantes de línguas da família nígero-congolesa, ou falantes de uma língua crioula que também marca o plural antes do núcleo) teriam bons motivos por desenvolver um SN com um forte perfil de marcação PL na periferia esquerda. Consideramos de especial interesse a variedade de Maputo, porque nesse caso a aprendizagem do português, apesar de ter como língua-alvo um português padrão na escola, ainda surge com variação. A variedade é de L2, e o seu perfil é muito parecido ao das variedades de português L1 contempladas neste trabalho, um fato que apontaria para a relevância de dados de L2 no desenvolvimento do perfil de PL naquelas variedades L1. Ainda mais, Jon-And (no prelo) contempla a idade do informante quando começou a aprender o português e atesta que os informantes que adquiriram o português antes de entrar na escola (= até os 6 anos) manifestam mais PL (pr. .86) do que os que só tiveram o seu primeiro contato com o português na escola (pr. <47, que diminui em proporção inversa à idade de aprendizagem). Isso, apesar de o português do professor e os materiais didáticos terem a concordância completa! Ou seja, a idade de aprendizagem afeta bastante a qualidade da L2.

4 E a variação na concordância de gênero?

Relativamente à variação na concordância de gênero (GEN), Lopes (2009) faz um estudo comparado de duas das variedades consideradas aqui: o português dos Tongas, em análise própria, e o dialeto de Helvécia, com base nas análises extensivas de Lucchesi (2000).

Em termos gerais, os fatos observados por Lopes sobre a configuração da variação em termos de ordem no SN e posição em relação ao núcleo, condizem com os pontos essenciais da nossa discussão do PL. As tabelas 2 e 3 apresentam, respectivamente, o perfil da variação GEN pelas faixas etárias e o perfil da variação na configuração estrutural do SN. Em primeiro lugar, a variação tem um perfil aquisicional em termos de estratificação etária:

Tabela 2: FAIXA ETÁRIA e GÊNERO no dialeto de Helvécia e nos Tongas

FAIXA ETÁRIA	HELVÉCIA Lucchesi (2000)	TONGAS Lopes (2008)
1. 20-30 anos	.63	.76
2. 40-60 anos	.59	.35
3. >61 anos	.28	.17

Também, o perfil do GEN na configuração do SN corresponde a fenômenos observados em estudos sobre a aquisição L2 do gênero em espanhol, que apontam para a expansão do fenômeno a nível sintático, começando no pré-núcleo, no primeiro item funcional. O modelo 4-M de Myers-Scotton e Jake (2001a), a teoria de Pienemann (2000) e a classificação morfológica de Booij (2007) dão conta desses passos, pois o processo passa de uma fase de morfologia inerente para uma fase de morfologia contextual (DET+N), mas não dão conta da direção da expansão, que é uma propriedade de padrões no *input* (veja-se abaixo). Contudo, há uma diferença de desenvolvimento no processo de expansão do GEN em comparação com o que se observou neste trabalho sobre o desenvolvimento do PL, porque o núcleo é o primeiro elemento a receber mais marcação de GEN (LUCCHESI, 2000). A ordem é: núcleo > determinante > adjetivo. Isso é evidente nos estudos de espanhol L2, e em um estudo que Mattos (2009) faz do gênero no português L2 de aprendentes chineses. Lucchesi (2000) também comenta a natureza dessa expansão.

Tabela 3: Efeito da posição relativa no SN sobre o GÊNERO no dialeto de Helvécia e nos Tongas

Posição Relativa no SN	HELVÉCIA Lucchesi (2000)	TONGAS Lopes (2008)
Esquerda não adjacente (A)	.38	.38
Esquerda adjacente (B)	.54	.52
Direita adjacente (D)	.16	.15
Direita não adjacente (E)	.06	.04

5 Interpretação

No tocante à configuração do GEN na periferia esquerda do SN, haverá dois fatores em jogo, que já contemplamos em relação ao PL:

(i) Evidências no *input* relativamente à configuração do SN português. No estudo do português L2 de Mattos (2009), o determinante demonstrativo predomina no favorecimento do GEN. Lucchesi (2000, p. 254) observa uma preferência semelhante nos dados de Helvécia. A base dessa preferência pode estar no fato de o demonstrativo ser um elemento frequentemente de duas sílabas e com mais tonicidade do que o artigo definido. Aliás, tem uma forte carga semântica: além da definitude, leva dêixis. Será mais perceptível.

(ii) Transferências em português L2 com substrato banto. Nas línguas banto, o classificador pré-nominal é um elemento fundamental no funcionamento da língua e esse classificador muda de qualidade fonológica conforme a classe semântica do nome. O falante de uma L-banto tem bastante sensibilidade em relação a essa parte do SN. Seria de esperar que houvesse alguma preferência pela marcação do GEN nessa posição em português L2. De fato, essa preferência é observada no estudo de Mattos (2009).

Resumindo, pode-se dizer que o perfil do GEN é bastante parecido com aquele do PL, e a explicação vai pelo mesmo caminho: processos de estruturação em aquisição de português L2, com possível reforço por parte do substrato. Por outra parte, também é interessante considerar os dois morfemas flexionais, PL e GEN, em sentido bilateral. Estudos aquisicionais sobre o espanhol e sobre o português (FRANCESCHINA, 2005; MATTOS, 2009; MONTRUL, 2004) apontam para o fato de o GEN se desenvolver antes do PL.⁶ Baxter (1995) refere que a distribuição da variação PL e GEN em dialetos rurais brasileiros reflete uma relação implicacional: se um dialeto tem variação de PL, não tem necessariamente variação de GEN, mas, se um dialeto tem variação de GEN, tem variação de PL. Lucchesi (2000) sublinha esse fator relativamente ao dialeto de Helvécia. Ainda não dispomos de dados para fazer afirmações sobre esse fenômeno nos Tongas.

Conclusões

O presente trabalho relacionou, com os fatos discutidos, a variação da concordância à variável posição relativa, considerando a adjacência, e, com essa variável, também se fez um correlação com dados de aquisição segundo teorias atuais sobre a aquisição morfológica. Tomando por base a teoria dos 4-M, de Myers-Scotton e Jake (2001a), junto com as perspectivas de Pienemann (2000, 2002), a concordância nominal de gênero e número envolve dois tipos de morfemas: um morfema precoce, com relevância gramatical local (mas

6 Pode haver bons motivos por esses fatos, relativamente à configuração do número e gênero na gramática e ao processo de aquisição mesmo. Nas investigações sobre a aquisição da L1, alguns especialistas da área de processamento (*language processing*), que trabalham com o espanhol falado como L2, propõem que a atribuição do número decorre da construção da estrutura sintagmática, enquanto que o gênero já está presente na representação do lema (*lemma representation*) (FRANCESCHINA, 2005).

não concordante) e um gramatical tardio. O gramatical local precoce é aprendido muito mais cedo e sofre menos variação – os dados apontam para isso nos vários estudos feitos sobre o fenômeno (“AS manga ela tinha dado”); enquanto isso, os morfemas gramaticais tardios pontes são adquiridos depois e sofrem mais variação (“castigos HORRÍVEIS”).

Relativamente aos motivos da variação, apelamos para as principais teorias aquisicionais atuais, sublinhando como causas a simplificação, a transferência e a impossibilidade de o aprendente da L2 reconfigurar parâmetros depois da aquisição da L1 ancestral. Atribuímos um papel especial à transferência a partir do substrato no reforço da posição adjacente à esquerda do núcleo como portadora dos morfemas gramaticais iniciais. No caso das variedades de português L1 contempladas, o forte perfil de PL (e de GEN) na periferia esquerda do SN no português L2 em épocas passadas terá passado para o português L1 em um período em que houve fortes contingentes de falantes da L2 que forneceram *input* para subseqüentes gerações de falantes de português L1.

Nas variedades contempladas neste trabalho, se houve um modelo inicial não africano (ou não índio) no seu passado, oriundo do português europeu, este estudo concorda com as ideias de Naro e Scherre no sentido de que os africanos e os seus descendentes exageraram bastante essa tendência original. Ao mesmo tempo, à luz do que se sabe hoje em dia a respeito dos processos de aquisição, e de como características de L2 podem influir no desenvolvimento de uma L1, parece lógico assumir que o africano teria influenciado o desenvolvimento do PL nas variedades consideradas, havendo ou não variação no modelo original.

Referências

- ALEXANDRE, Nélia; HAGEMEIJER, Tjerk (2007). Bare nouns and the nominal domain in São Tomé. In: BAPTISTA, Marlyse (Org.). *Noun phrases in creole languages: a typological, semantic and structural study*. Amsterdam: John Benjamins. p. 37-59.
- ANDRADE, Patrícia Ribeiro de (2003). *Um fragmento da constituição sócio-histórica do português do Brasil: variação na concordância nominal de número em um dialeto afro-brasileiro*. Dissertação de Mestrado. Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia.
- BAO, Zhiming (2005). The aspectual system of Singapore English and the systemic substratist explanation. *Journal of Linguistics*, n. 41, p. 237-267.
- BAXTER, Alan N. (1995). Transmissão geracional irregular na história do português brasileiro: divergências nas vertentes afro-brasileiras. *Revista internacional de língua portuguesa*, Lisboa, n. 14, p. 72-90.
- BAXTER, Alan N. (2002). Semicreolization? The restructured portuguese of the tongas of São Tomé, a consequence of L1 acquisition in a special contact situation. *Journal of Portuguese Linguistics*, n. 1, p. 7-39.
- BAXTER, Alan N. (2004). The development of variable NP plural agreement in a restructured African variety of Portuguese. In: ESCURE, Geneviève; SCHWEGLER, Armin (Org.). *Creoles, contact and language change: linguistics and social implications*. Amsterdam: John Benjamins. p. 97-126.

- BAXTER, Alan N. (2009). A concordância nominal. In: LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza (Org.). *O português afro-brasileiro*. Salvador: EDUFBA. p. 269-264.
- BAXTER, Alan N.; LUCCHESI, Dante. (1999) Un paso más hacia la definición del pasado criollo del dialecto afro-brasileño de Helvécia (Bahia). In: ZIMMERMAN, Klaus (Org.). *Actas del Congreso Internacional sobre Lenguas Criollas de Base Española y Portuguesa*. Berlin: Instituto Ibero-Americano, p. 119-141.
- BOOIJ, Geert (1995). Inherent vs. contextual inflection and the split morphology hypothesis. In: BOOIJ, Geert; VAN MARLE, Jaap (Ed.). *Yearbook of morphology*, 1994. Dordrecht: Kluwer. p. 1-16.
- BOOIJ, Geert (2007). *The grammar of words*. Oxford: Oxford University Press.
- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso (1975). *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão.
- CASTRO, Ana; PRATAS, Fernanda (2006). Capeverdean DP-internal number agreement: additional arguments for a distributed morphology approach. In: COSTA, João; FIGUEIREDO SILVA, Maria Cristina (Org.). *Studies on agreement*. Amsterdam: John Benjamins. p. 11-24.
- COELHO, Adolfo (1967 [1880-1886]). Os dialectos românicos ou neo-latinos na África, Ásia e América. In: *Estudos linguísticos crioulos*. Lisboa: Academia Internacional da Cultura Portuguesa.
- CORNIPS, Leonie; HULK, Aafke (2006). External and internal factors in bilingual and bidialectal language development: grammatical gender and the Dutch definite determiner. In: LEFEBVRE, Claire; WHITE, Lydia; JOURDAIN, Christine (Org.). *L2 acquisition and creole genesis*. Amsterdam: John Benjamins. p. 355-377.
- CORRÊA, L. S., AUGUSTO, M.; FERRARI-NETO, J. (2005). *The early processing of number agreement in the DP: evidence from the acquisition of Brazilian Portuguese*. Trabalho apresentado no 30TH BOSTON UNIVERSITY CONFERENCE ON LANGUAGE DEVELOPMENT.
- COSTA, João; FIGUEIREDO SILVA, Maria Cristina (2006). Nominal and verbal agreement in portuguese: an argument for distributed morphology. In: COSTA, João; FIGUEIREDO SILVA, Maria Cristina (Org.). *Studies on agreement*. Amsterdam: John Benjamins. p. 25-46.
- FIGUEIREDO, Carlos Filipe Guimarães (2008). A concordância variável no sintagma nominal plural do português reestruturado de Almojarife (São Tomé). *Papia*, Brasília, v. 18, p. 23-43.
- FRANCESCHINA, Florencia (2002). Case and phi-feature agreement in advanced L2 Spanish grammars. In: *Eurosla Yearbook 2*. Amsterdam: John Benjamins. p. 71-86.
- FRANCESCHINA, Florencia (2003). Parameterized functional features and SLA. In: LICERAS, Juana M. et al. (Org.). *Proceedings of the 6th generative approaches to second language acquisition conference (GASLA)*. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project, p. 97-105.
- GALVES, Charlotte (1993). O enfraquecimento da concordância no português brasileiro. In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary A. (Org.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica – Homenagem a Fernando Tarallo*. Campinas: Editora da UNICAMP. p. 387-408.
- GONÇALVES, Perpétua (2004). Towards a unified vision of classes of language acquisition and change: arguments from the genesis of Moçambican African Portuguese. *Journal of pidgin and creole languages*, Amsterdam, n. 19(2), p. 225-259.
- GUY, Gregory R. (1981). *Linguistic variation in Brazilian Portuguese: aspects of phonology, syntax and language history*. University of Pennsylvania, PhD Dissertation. Ann Arbor: University Microfilms International.
- GUY, Gregory R. (2005). A questão da criouliização no português do Brasil. In: STAHL, Ana Maria Zilles (Org.). *Estudos de variação linguística no Brasil e no Cone Sul*. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. p. 15-62.

- HAWKINS, Roger; CHAN, Cecilia Yuet-hung (1997). The partial availability of Universal Grammar in Second Language Acquisition: The Failed Functional Features Hypothesis. *Second language research*, n. 13, p. 187-226.
- HOLM, John (1987). Creole influence on Popular Brazilian Portuguese. In: GILBERT, G. G. (Ed.). *Pidgin and creole languages: essays in memory of John E. Reinecke*. Honolulu: University of Hawaii Press. p. 406-429.
- JON-AND, Anna (*no prelo*). Concordância variável de número no SN no português L2 de Moçambique: algumas explicações sociais e linguísticas. *Revista de crioulos de base portuguesa e espanhola*.
- KLEIN, Wolfgang; PERDUE, Clive (1997). The basic variety (or couldn't natural languages be much simpler?). *Second language research*, n. 13, p. 301-347.
- LOPES, Norma da Silva (2001). *Concordância nominal, contexto linguístico e sociedade*. Tese de Doutorado. Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia.
- LOPES, Norma da Silva (2009). Um estudo do gênero nos Tongas e em Helvécia: uma comparação. *Papia*, Brasília, n. 19, p. 141-151.
- LUCCHESI, Dante (2000). *A variação na concordância de gênero em uma comunidade de fala afro-brasileira: novos elementos sobre a formação do português popular do Brasil*. Tese de Doutorado. Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- MATHER, Patrick-André (2006). Second language acquisition and creolization: same (i-) processes, different (e-) results. *Journal of pidgin and creole languages*, Amsterdam, n. 21(2), p. 231-274.
- MATTOS, Isabel (2009). *The acquisition of NP gender inflection by Chinese learners of Portuguese as a foreign language*. Dissertação de Mestrado. Departamento de Português, Universidade de Macau.
- MONTRUL, Silvina (2006). Incomplete acquisition in bilingualism as an instance of language change. In: LEFEBVRE, Claire; WHITE, Lydia; JOURDAIN, Christine (Org.). *L2 acquisition and creole genesis*. Amsterdam: John Benjamins. p. 379-400.
- MUFWENE, Salikoko S. (1990). Transfer and the substrate hypothesis in creolistics. *Studies in second language acquisition*, n. 12, p. 1-23.
- MYERS-SCOTTON, Carol (1997). *Duelling languages: grammatical structure in codeswitching*. New York: Oxford University Press.
- MYERS-SCOTTON, Carol; JAKE, Janice (2000a). Four types of morpheme: evidence from aphasia, code switching, and second-language acquisition. *Linguistics*, n. 38, p. 1053-1100.
- MYERS-SCOTTON, Carol (2001). Implications of abstract grammatical structure: two targets in Creole formation. *Journal of pidgin and creole languages*, Amsterdam, n. 16, p. 217-273.
- NARO, Anthony Julius; SCHERRE, Marta. M. P. (1993). Sobre as origens do português popular do Brasil. *D.E.L.T.A.*, v. 9, número especial, p. 437-454.
- NARO, Anthony Julius; SCHERRE, Marta. M. P. (2000). Variable concord in Portuguese: the situation in Brazil and Portugal. In: McWHORTER, J. (Ed.). *Language change and language contact in pidgins and creoles*. Amsterdam: John Benjamins. p. 235-256.
- NARO, Anthony Julius; SCHERRE, Marta. M. P. (2007). *Origens do português brasileiro*. São Paulo: Parábola.
- PIENEMANN, Manfred (2000). Psycholinguistic mechanisms in the development of English as a second language. In: PLAG, Ingo; SCHNEIDER, Klaus P. (Org.). *Language use, language acquisition and language history: (mostly) empirical studies in honour of Rüdiger Zimmermann*. Trier: Wissenschaftlicher Verlag Trier. p. 99-118.

- ROUGÉ, Jean-Louis (1992). Les langues des Tonga. In: D'ANDRADE, Ernesto; KIHM, Alain (Org.). *Actas do Colóquio Internacional sobre Línguas Crioulas de Base Portuguesa*. Lisboa: Colibri. p. 171-175.
- ROUGÉ, Jean-Louis (2008). A inexistência de crioulo no Brasil. In: FIORIN, José Luiz; PETTER, Margarida (Org.) *África no Brasil: a formação da língua portuguesa*. São Paulo: Contexto. p. 63-73.
- SCHERRE, Martha. M. P. (1988). *Reanálise da concordância nominal em português*. Tese de Doutorado. Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- SCHWARTZ, Bonnie D.; SPROUSE, Rex A. (1994). L2 cognitive states and the full transfer/full access model. *Second language research*, n. 12, p. 40-72.
- SIEGEL, Jeff (2003). Substrate influence in creoles and the role of transfer in second language acquisition. *Studies in second language acquisition*, n. 25(2), p. 185-209.
- SIEGEL, Jeff. (2004). Morphological simplicity in pidgins and creoles. *Journal of pidgin and creole languages*, Amsterdam, n. 19(1) , p. 139-162.
- SIEGEL, Jeff (2006). Links between SLA and creole studies. In: LEFEBVRE, Claire; WHITE, Lydia; JOURDAIN, Christine (Org.). *L2 Acquisition and creole genesis*. Amsterdam: John Benjamins. p. 15-46.
- SPROUSE, R (2006). Full transfer and relexification: Second Language Acquisition and Creole Genesis. In: LEFEBVRE, Claire; WHITE, Lydia; JOURDAIN, Christine (Org.). *L2 acquisition and creole genesis*. Amsterdam: John Benjamins. p. 169-181.
- WILLIAMSON, K.; BLENCH, R. (2000). Niger-Congo. In: HEINE, Berndt; NURSE, Derek (Org.). *African languages: an introduction*. Cambridge: Cambridge University Press. p. 11-42.
- WINFORD, D. (2003). *An introduction to contact linguistics*. Oxford: Blackwell.

